



Da afirmação enfática à concessividade: dois estudos de caso na história do português

From Emphatic Affirmation to Concessivity: Two Case Studies in the History of Portuguese

Sanderléia Roberta Longhin

Universidade Estadual Paulista (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo / Brasil

sanderleia.longhin@unesp.br

<http://orcid.org/0000-0002-8702-0033>

Resumo: Este trabalho investiga os processos diacrônicos de constituição de duas perífrases conjuncionais concessivas do português, *bem que* e *se bem que*. Com respaldo teórico da Gramaticalização, sobretudo Traugott e Dasher (2002), Heine e Kuteva (2007), Bybee (2010), e de alguns pressupostos de teorias pragmáticas sobre concessividade, conforme Anscombre (1980), Ducrot (1984), Moeschler e Spengler (1982), Rossari (2014), a questão maior está na compreensão do elo entre a semântica da fonte adverbial, os processos inferenciais instigados contextualmente e o tipo de significado concessivo. As análises são baseadas em uma amostra diacrônica que reúne textos do português antigo ao moderno e em uma metodologia norteada pelos padrões polissêmicos das construções com suas respectivas propriedades distribucionais. Os resultados fornecem evidências de que, embora se trate de dois fenômenos de mudança que emergem em diferentes estados de língua e em contextos distintos, ambos têm na fonte o advérbio *bem*, na função de afirmação enfática, e ambos se especializam na expressão de relações concessivas restritivas. Os dados duplamente compatíveis com as interpretações fonte e alvo indiciam processos graduais da pragmática à semântica, nos quais as noções de polifonia e hierarquia argumentativa são importantes.

Palavras-chave: junção; concessividade; gramaticalização; diacronia.

Abstract: This paper investigates the diachronic establishment process of two concessive conjunctive periphrases in Portuguese, *bem que* and *se bem que*. With theoretical support from Grammaticalization, in particular Traugott and Dasher (2002), Heine and Kuteva (2007), Bybee (2010), and some assumptions from pragmatic theories about concessivity, according to Anscombre (1980), Ducrot (1984), Moeschler and Spengler (1982), Rossari (2014), the main issue is about understanding the link between

the semantics of the adverbial source, the contextually induced inferential processes and the type of concessive meaning. The analyses are based on a diachronic sample featuring texts from ancient to modern Portuguese, and on a methodology guided by the constructions' polysemic standards with their corresponding distributional properties. The results provide evidence that, despite being two change phenomena which arise in different states of language and distinct contexts, both have the adverb *bem* at their source, in the role of emphatic affirmation, and both specialize in expressing restrictive concessive relations. The data doubly compatible with source and target interpretations evidences gradual processes from pragmatic towards semantics, in which the concepts of polyphony and argumentative hierarchy are of importance.

Keywords: junction; concessivity; grammaticalization; diachrony.

Recebido em 06 de setembro de 2021

Aceito em 29 de outubro de 2021

1 Introdução

Pesquisas sobre a história das construções concessivas em diferentes línguas evidenciam que a concessão é uma relação derivada que se situa no ponto final de uma cadeia de desenvolvimentos que conduz a significados cognitiva e comunicativamente mais complexos (HARRIS, 1988; KÖNIG, 1985a, 1985b, 1988; KORTMANN, 1997). Neste trabalho, analiso os processos diacrônicos de constituição de duas perífrases conjuncionais concessivas do português, *bem que* e *se bem que*, que têm a base lexical comum no advérbio avaliativo *bem* e que expressam significados concessivos de tipos similares. Os dados em (1) e (2)¹, extraídos do *corpus* da pesquisa, ilustram usos contemporâneos. Nos dois casos, a relação de concessão se sustenta em uma forma de *restrição* ao conteúdo da oração nuclear:

- (1) Sabem do dilúvio de Noé, **bem que** não conforme a verdadeira história; pois dizem que todos morreram, exceto uma velha que escapou em uma árvore. (20-1/CNP)

¹ Para referência aos exemplos utilizo a seguinte convenção: ao final, entre parênteses, o primeiro número indica o século, o segundo indica primeira ou segunda metade e a sigla remete ao texto fonte.

- (2) É condição essencial que o feijão seja novo para que a feijoada se torne apetitosa, preferindo-se o denominado - *mulatinho*, **si bem que** outros dêem mais valor ao feijão preto. (20-1/ACB)

No português brasileiro atual, *bem que* tem uso raro, ao passo que *se bem que* é uma das opções para concessão factual, juntamente com *embora*, *ainda que*, *apesar de (que)*. Estudos funcionalistas sobre construções com *se bem que*, em amostras de fala e de escrita contemporâneas, apontam para especificidades da construção complexa: as concessivas com *se bem que* podem se realizar nos modos indicativo e subjuntivo e a ordenação das orações é variável, com preferência pela posição, relacionada à função de *restrição* (NEVES, 2000; NEVES; BRAGA, 2016; NEVES; CONEGLIAN, 2018).

Apesar da fonte comum e das nuances concessivas similares, trata-se de duas instâncias de mudança, que emergem em contextos distintos e em diferentes estados de língua. *Se bem que* é mais tardia e desenvolveu-se a partir de um molde condicional. No entanto, como se verá, para os dois processos, é notória a contribuição da fonte adverbial *bem*. A seleção de *bem* para o domínio das concessivas não é uma singularidade do português, em várias línguas, advérbios análogos a *bem* também são parte integrante de juntores concessivos complexos, resultantes de mudança semântica e/ou de gramaticalização, como em francês *bien que*; italiano *benché* e *sebbene*; espanhol *bien que*, *si bien*; catalão *per bé que*, *si bé*; romeno *de bine ce*; alemão *obwohl* e *wiewohl* (KORTMANN, 1997, p. 97).

Com respaldo teórico do paradigma da gramaticalização, sobretudo Traugott e Dasher (2002), Heine e Kuteva (2007), Bybee (2010), e de alguns pressupostos de teorias pragmáticas sobre o potencial argumentativo da concessão, conforme Anscombe (1980), Ducrot (1984), Moeschler e Spengler (1982) e Rossari (2014), o objetivo deste trabalho é identificar e analisar estágios de desenvolvimento diacrônico que habilitaram *bem que* e *se bem que* à expressão de relações concessivas. O foco da investigação está na compreensão do elo entre a semântica da fonte adverbial, os processos inferenciais instigados contextualmente e o tipo de significado concessivo. Não se trata apenas de explicar a reinterpretação de palavras existentes em novos juntores perifrásticos, mas de explicar a emergência de uma construção complexa, binária e relacional, que o jantor mobiliza para a expressão do significado ('Jun *p*, *q*' ou '*q*, Jun *p*', em que 'Jun' equivale ao jantor; *p* e *q*, a dois estados de coisas assertivos).

O artigo está estruturado da seguinte maneira: na segunda seção, reviso as fontes das concessivas e reúno indícios em favor de a afirmação enfática estar na origem de *bem que* e *se bem que*. Na terceira, apresento as bases teóricas para o estudo da mudança e das relações concessivas. A seguir, na quarta seção, explicito os critérios que subsidiaram a composição da amostra diacrônica e os procedimentos metodológicos com os dados. Na quinta seção, examino a multifuncionalidade do advérbio *bem*, em perspectiva sincrônica e, na sexta seção, apresento a descrição e análise dos padrões lexicais e gramaticais relativos a *bem*, em subseções que tratam, em viés longitudinal, dos diferentes estágios de mudança. Encerro o artigo com as considerações finais e referências bibliográficas.

2 As fontes da concessividade e as perífrases baseadas em *bem*

A evolução tardia e a natureza derivada da concessividade foram mostradas em estudos tipológicos (KÖNIG, 1985a, 1985b, 1988; HARRIS, 1988; KORTMANN, 1997), com especial destaque à complexidade estrutural dos juntores concessivos (conjunções, preposições e advérbios juntivos), que espelha com considerável transparência as construções que lhes deram origem. Segundo esses estudos, as fontes semânticas que podem ampliar o universo da concessão são várias e estão relacionadas a alguma propriedade das concessivas. Em perspectiva tipológica, as fontes mais produtivas incluem quantificação universal e de livre escolha, concomitância temporal, volição, permissão, ênfase aliada a relações temporais ou condicionais, sentimentos humanos e asserção enfática da factualidade.

Há várias referências na literatura sobre o trânsito histórico entre afirmação enfática e concessividade (ANSCOMBRE, 1980; HANSEN, 1998; KÖNIG, 1985a, 1985b, 1988, 1991; RODRÍGUEZ SOMOLINOS, 1995; ROSSARI, 2014; SQUARTINI, 2012). Para König (1991, p.167): “All particles that indicate affirmation as part of their meaning (*schon, ja, wohl*), for instance, may have a kind of concessive use”². A afinidade entre essas duas noções está em uma característica semântica central das construções concessivas: elas requerem a *factualidade* dos dois estados

² “Todas as partículas que indicam afirmação como parte do seu significado (*schon, ja, wohl*), por exemplo, podem ter um uso concessivo”.

de coisas do complexo³. Assim, parece plausível que a participação de advérbios cuja função é afirmar enfaticamente uma verdade - como, por exemplo, *true*, *fact*, *well*, do inglês, *schon*, *ja*, *wohl*, do alemão, *certes*, *d'accord*, *en effet*, do francês – pode ter sido decisiva para a evolução. Como desenvolvo adiante, a afirmação enfática é apenas uma das funções de *bem* e parece estar na base da derivação histórica de *bem que* e *se bem que*.

A expectativa em torno do valor de ênfase na construção originária de *bem que* e *se bem que* ganha força diante de resultados de pesquisas sobre a formação das concessivas em *bien*, no espanhol e no francês. Sobre *bien que*⁴, do espanhol, foram elencadas várias explicações (para uma síntese, CORTES PARAZUELOS, 1992) das quais destaco a de Rivarola (1976), segundo a qual a gênese de *bien que*, no espanhol medieval, estaria na adjunção do advérbio *bien* ao predicado *es verdad*, ligado a uma completiva subjetiva em *que*, imediatamente seguida por uma oração contrastiva, conforme (3):

- (3) Bien es verdat que las yervas et las plantas, et aun algunas animalias - así como las rebtilias - estas cosas se pueden engendrar de la umor de la tierra; mas las otras animalias non se engendran sinon por la manera de engendramiento. (RIVAROLA, 1976, p. 101) (Grifo meu)

Rivarola verificou que, no mesmo período, o significado de *bien es verdad que* também podia ser expresso pelas variantes abreviadas *bien es verdad* e *bien que*. Em todos os casos, “(...) el predicado consistía en la aprobación, con o sin afirmación explícita de la ‘verdad’ de lo enunciado en dicha frase”⁵ (RIVAROLA, 1976, p.101). Mais recentemente, Detges e Waltreit (2009) analisam a formação de *bien que*, concentrando-se na análise dos efeitos argumentativos de *bien*, em contextos do tipo *bien p*, *pero q*, similares aos explorados em Rivarola (1976). Para eles,

³ Com exceção das concessivas hipotéticas, cujas prótases não são factuais, o que as aproxima das condicionais.

⁴ *Bien que* foi frequente entre os séculos XVI a XVIII e é rara no espanhol moderno, estando circunscrita a gêneros literários (CORTES PARAZUELOS, 1992; PÉREZ SALDANYA; SALVADOR, 2014).

⁵ “(...) o predicado consistia na aprovação, com ou sem afirmação explícita da 'verdade' do que foi enunciado na referida frase”.

na negociação dos significados, a enunciação de *bien* equivale a um reconhecimento explícito da validade do conteúdo da proposição *p*, contudo, esse conteúdo é atenuado em favor da força do argumento trazido por *pero q*.

O espanhol conhece também *si bien*, de uso corrente, atestada com frequência crescente desde o século XVI. Sobre sua origem, segundo Cortes Parazuelos (1993), embora não se possa descartar a possibilidade de empréstimo do italiano, considerada por vários autores, é preciso ter em conta que *si*, desde o período antigo, já mostrava empregos contrastivos, tanto com traços contextuais de polaridade negativa, como de disjunção. Além disso, a autora verifica casos em que orações com *si bien* ou *si bien es verdad que* aparecem correlacionadas a uma oração contrastiva, como em (4), extraído da obra da autora:

- (4) Y si bien es verdad que dos o tres niños estuvieron para perderle, pero siempre se tenía por uma travesura muy inocente. (CORTES PARAZUELOS, 1993, p. 244) (Grifo meu)

Quanto à formação de *bien que*, do francês, Waltireit (2012) associa a contextos contrastivos do tipo *bien p, mais q*, comuns no francês antigo, em que a escalaridade de *bien* interage com uma oração contrastiva ulterior. Nesse caso, a proposição *p*, por comportar *bien*, ganha em força argumentativa, gradua para mais em uma escala relevante, mas ainda assim não se sobrepõe à prevalência argumentativa do segundo membro, *mais q*. A interpretação concessiva resulta, segundo o autor, de uma *implicatura de irrelevância*, em que a conclusão a partir de *q* supera aquela de *p*, não importando a gradação conferida a *p* por *bien*.

Considerando que, na história do português, são dois os processos de mudança que recrutaram o advérbio enfático *bem*, mas que só um desses processos agrega condicionalidade, que é mais uma importante fonte para concessão (KÖNIG 1985a, 1985b), o propósito maior deste trabalho, como mencionado, é explicar *como* teria se processado, em cada caso, a suposta transição gradual de afirmação enfática (e condição) à concessão.

3 Pressupostos teóricos

Neste trabalho, filio-me a uma perspectiva funcionalista de língua e linguagem, em que assumo que os fenômenos de mudança linguística – possíveis, mas não necessários - encontram condições nas situações de uso da língua, que envolvem a atuação de forças cognitivas

e socioculturais. Tomo por base o aparato teórico-metodológico da teoria da gramaticalização, principalmente nos moldes de Heine e Kuteva (2007), Traugott e Dasher (2002) e Bybee (2010), em que processos de gramaticalização são concebidos como conjuntos complexos de alterações que afetam a substância semântica, a morfossintaxe e possivelmente a fonética, e que têm por motivação a pragmática dos sistemas inferenciais. Trata-se de processos diacrônicos graduais que tendem a avançar por meio de múltiplos estágios cronologicamente não lineares, podendo culminar em uma nova construção convencionalizada na língua.

Nessa perspectiva, os fenômenos investigados são instâncias de *gramaticalização*, já que resultam em construções gramaticais com significação procedural, e são também instâncias de um tipo de mudança semântica, a *(inter)subjetivização*, de fundo metonímico, que conduz à expressão de significados cada vez mais vinculados à crença dos sujeitos da comunicação (TRAUGOTT, 2012; TRAUGOTT; DASHER, 2002), como é o caso da concessividade. A expectativa é a de que inferências pragmáticas, tipicamente *(inter)subjetivas*, são induzidas no contexto e trazem enriquecimentos ao que é dito. Com o tempo, elas podem ser absorvidas pelo item ou construção, desvinculando-se dos aportes contextuais e tornando-se semanticamente codificadas. Para os limites deste artigo, em que reservo atenção especial à constituição diacrônica dos significados, coloco em questão, de forma imbricada, o papel do conteúdo conceitual da fonte, o modo de atuação dos contextos como guias para a produção de inferências e a especificidade do significado concessivo.

As relações concessivas podem ser definidas, de forma genérica, como resultado da asserção de dois eventos em um contexto em que, frente às expectativas geradas pelos modelos socioculturais vigentes, supõe-se a existência de algum tipo *incompatibilidade*. A tipologia das relações concessivas é extensa, assim como o é o conjunto das construções que as realizam. Baseio-me na distinção entre dois tipos concessivos principais, amplamente reconhecidos (GAST, 2019; KÖNIG, 1985a; LATOS, 2009; MOESCHLER; SPENGLER, 1982; PANDER MAAT, 1999; RUDOLPH, 1996), que denomino *causa negada* e *restrição*. Ambos têm em comum a *suspensão de uma relação* ou a *quebra de expectativas*, mas diferem nos processos interpretativos, o primeiro apela à demonstração e o segundo, à argumentação.

A relação concessiva de *causa negada* se fundamenta na negação de uma pressuposição pragmática de causalidade, conformando-se ao padrão de implicação *normalmente se p, então não-q*, que torna explícita a proximidade das concessivas com as relações causais e condicionais, mas pelo viés da negação. A relação concessiva *restritiva* se fundamenta em uma relação hierárquica entre forças argumentativas, em que,

embora o conteúdo proposicional da oração nuclear q tenha sua validade questionada pelo conteúdo da oração modificadora p , seja por meio de uma retificação, uma restrição ou uma atenuação, ele ainda se mantém como o mais determinante.

Tendo em vista a investigação de processos de mudança em que relações concessivas são habilitadas em construções antes não concessivas, a clareza sobre as propriedades que caracterizam as construções concessivas é crucial, pois tais características podem ser tomadas como pistas para apreensão dos ganhos graduais que acompanham o processo de mudança. Com base em Moeschler e Spengler (1982), König (1985a), Rudolph (1996) e Pander Maat (1999), as construções concessivas canônicas têm as seguintes características:

- 1) envolvem dois estados de coisas factuais;
- 2) expressam um significado de quebra de expectativa como resultado da suspensão de uma relação, seja ela causal ou argumentativa;
- 3) operam com conteúdos implícitos, acionados a partir de informações oriundas do contexto, dos modelos de mundo e dos valores partilhados entre os interlocutores;
- 4) mostram uma hierarquia no grau de determinação dos argumentos;
- 5) apresentam um encadeamento dialógico: elas são polifônicas⁶.

Como os juntores concessivos têm codificado seu papel procedural de sinalizar algum conflito entre dois estados de coisas e, ao mesmo tempo, sempre dependerão de inferências para a especificação das nuances concessivas, eles reúnem *codificação* e *inferência*, ou seja, *significado semântico* e *significado pragmático*. Acrescente-se a isso o fato de que, do ponto de vista teórico assumido, a mudança de significado

⁶ Do ponto de vista argumentativo, as estratégias discursivas para fins de contraste receberam uma descrição fina em termos da noção de *polifonia* (DUCROT, 1984), que se sustenta na distinção conceitual entre locutor e enunciador; o primeiro é o responsável pelo enunciado e o segundo, embora não fale efetivamente, tem seu ponto de vista expresso na enunciação. A polifonia ou ‘pluralidade de vozes’ tem lugar quando o locutor introduz no enunciado um ou mais enunciadores (o outro, terceiros, a opinião pública) com os quais pode se identificar ou dos quais pode se distanciar. No caso do contraste por concessão, a manobra argumentativa é assegurada por um duplo movimento, que consiste na aceitação, por parte do locutor, de um conteúdo atribuído a outro(s) enunciador(es) para, a seguir, invalidá-lo, por meio da apresentação de outro conteúdo, que sustenta uma conclusão diferente.

segue um percurso da pragmática à semântica. Esses dois aspectos, conforme Mauri e Auwera (2012), levam a admitir que os processos diacrônicos de constituição de jutores concessivos são fenômenos que favorecem a observação da fronteira instável entre o que é codificado e o que é inferido pragmaticamente, a qual tende a se mover no tempo, partindo de construções subcodificadas, com prevalência da pragmática, em direção à maior codificação.

4 Material e metodologia de investigação

A amostra diacrônica que fundamenta esta pesquisa foi compilada a partir de um conjunto de textos de gêneros diversos extraídos de sete plataformas digitais⁷. Para constituição da amostra, buscando representatividade e balanceamento, foram estabelecidas diretrizes relativas ao recorte temporal (português antigo, médio, clássico e moderno⁸); ao recorte espacial (variedades europeia e brasileira), à diversidade tipológica das sequências textuais e à quantidade de material similar para cada estado de língua⁹, de modo a obter um conjunto quantitativa e qualitativamente comparável. Em anexo, apresento a relação completa dos textos, com as respectivas siglas de referência.

A seleção dos textos foi determinada por dois postulados. Admitindo que as interações comunicativas constituem o lugar da negociação dos significados, da busca contínua por estratégias mais

⁷ Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese, *Corpus* Informatizado do Português Medieval, Base de Dados do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Coleções digitais da Biblioteca Nacional de Lisboa, Projeto História do Português Brasileiro, Projeto História do Português Paulista e Acervo digital da Biblioteca Brasileira. Agradeço ao bolsista Gabriel Benedetti, que trabalhou na constituição de parte da amostra diacrônica e na seleção e tabulação de ocorrências (Fapesp 2020/02285-9).

⁸ Adoto a periodização de Lindley-Cintra (cf. CASTRO, 2017, p.147), que propõe a identificação de quatro grandes fases não discretas: *português antigo* (XIII a XV), *português médio* (XV a XVI), *português clássico* (XVI a XVIII) e *português moderno* (XIX a XXI).

⁹ Para cada século foram contabilizadas cerca de 850.000 palavras, exceto para o período antigo, em que há menos textos disponíveis. No material dos séculos XIII, XIV e XV, obtive um total de 117.804, 565.686 e 585.219 palavras, respectivamente. Contudo, possíveis efeitos negativos dessa diferença quantitativa podem ser minimizados pela apuração da frequência relativa. A decisão de trabalhar com número elevado de palavras por sincronia se deve ao fato de que as construções com *bem que* e *se bem que* têm frequência relativamente baixa, já que concorrem com outros jutores para a marcação de concessão.

expressivas e efetivas de argumentação e de possíveis inovações linguísticas, o primeiro postulado é o de que o texto em si é uma unidade de análise ou o *macrolocus* da mudança, nos termos de Company Company (2016). A percepção da importância dos textos para a explicação da mudança é relativamente recente em Linguística Histórica e se deve, em grande parte, às contribuições do modelo de Tradições Discursivas (KABATEK, 2006), que mostrou como as duas grandezas históricas, *língua e texto*, convergem para a expressão dos significados e como ambas são suscetíveis de mudança. A vantagem de investigar a mudança à luz dos textos (tipos textuais, gêneros e tradições discursivas) está no fato de que as tradições textuais, em função das condições de produção, predispõem o uso, a frequência e a distribuição de certas construções linguísticas, podendo atuar como espaços propícios à variação e à mudança ou, ao contrário, como refreadores de quaisquer inovações.

O segundo postulado, vinculado ao primeiro, se refere ao papel de contextos *dialógicos* na motivação e consolidação da mudança, entendendo-se *dialógico*, à maneira de Traugott (2010), não só como parte da distinção relativa ao número de enunciadores, se monólogo ou diálogo, mas relativa à *orientação argumentativa*, característica de discursos que reúnem posições conflitantes, contestações, polêmicas de vários tipos. Como as mudanças investigadas aqui incluem elementos com grande potencial subjetivo e argumentativo, o advérbio avaliativo *bem* e as perífrases concessivas, a expectativa é a de que tanto as construções fonte como as alvo sejam mais frequentes em contextos dialógicos, os quais, independentemente do número de enunciadores, colocam em jogo mais de um ponto de vista, com conclusões divergentes.

Quanto ao mapeamento das ocorrências, nas amostras dos séculos XIII ao XV, a busca se deu manualmente, por meio de ferramentas disponíveis para documentos nas extensões DOC e PDF. Para as amostras dos demais séculos, utilizei a ferramenta computacional *Sketch Engine* (<https://www.sketchengine.eu/>), que permitiu compilar, controlar o número de palavras e selecionar as ocorrências em seus contextos de uso. Embora a *Sketch* tenha agilizado a etapa de preparação dos dados, apresenta alguma limitação para o reconhecimento de dados de períodos pretéritos, em razão das particularidades do plano gráfico, sendo necessária a checagem manual em cada texto.

O procedimento metodológico central foi pautado na *polissemia* das construções, em que postulo três valores semânticos relacionados

a estágios da mudança, e os analiso qualitativa e quantitativamente, em perspectiva longitudinal, segundo parâmetros distribucionais e especificações semântico-pragmáticas. Os valores são: significado compatível com *fonte* (estágio inicial, não concessivo), significado duplamente compatível com fonte e alvo (estágio intermediário), e significado compatível apenas com alvo (estágio final, concessivo). Outras decisões metodológicas são explicitadas e justificadas nas (sub) seções voltadas à análise.

5 A fonte multifuncional *bem*

O advérbio *bem* em português moderno (lat. adv. *bene* “bem, vantajoso, felizmente”) atua como um modificador multifuncional, de significação instrucional, cuja interpretação é fortemente dependente do contexto, de processos inferenciais e de relações de escopo (ILARI, 2002). Os vários usos de *bem* parecem preservar em alguma medida o significado etimológico de *avaliação positiva*, que é explorado para fins argumentativos. Diante do caráter múltiplo de *bem*, um desafio que se impõe no estudo da mudança é alcançar uma descrição mais fina das diferentes funções de *bem* que ajude a compreender seu recrutamento para a expressão de concessão. Aproximando-me dos estudos de Ilari (2002) e de Lopes (2004), sobre valores de *bem* no português brasileiro e europeu; de Hansen (1998)¹⁰, sobre *bien* do francês, e de König (1991), sobre partículas de foco, descrevi os padrões adverbiais de *bem*, considerando uma classificação tripartida, não discreta, em *modal*, *intensificador* e *focalizador*, que caracterizo e exemplifico a seguir com dados do *corpus* do português moderno:

1. *Advérbio modal*. Efetua modificação por meio do acréscimo de uma avaliação positiva acerca de um processo, estado ou qualidade, tendo em vista um determinado parâmetro. Pode ser parafraseado por *de modo positivo*, *satisfatório*. Nos dados, a ordenação do advérbio é bastante típica: quando qualifica verbos (como adjunto ou argumento), tende à posposição, conforme (5); quando qualifica adjetivos (em geral,

¹⁰ Hansen (1998) apresenta uma proposta de análise da polissemia de *bien*, do francês moderno, em que reconhece três funções centrais, como advérbio de modo, de intensidade e como partícula assertiva, e estabelece conexões sincrônicas entre as funções. Reúne argumentos de que a função de partícula assertiva equivale a uma contraparte marcada da negação.

adjetivos deverbais), tende à anteposição, conforme (6) e (7). Aceita intensificação, com *muito* e *tão*, como em (5) e (6), respectivamente; e opõe-se a *mal* (*sentir-se mal*; *mal vestida*; *mal tratadas*).

(5) E eu penso que Arlequim ha-de sentir-se muito **bem** em mãos macias e perfumadas (20-1/RA)

(6) (...) jamais vira a mulher tão bonita, tão **bem** vestida. (20-2/AVE)

(7) E odiava aquele velho de unhas **bem** tratadas, cheiroso (20-2/AVE)

2. *Advérbio intensificador*. Realiza modificação por meio do acréscimo de uma graduação que pode incidir sobre predicados, circunstâncias e qualidades inerentemente escalares. A partir de uma comparação implícita que pressupõe avaliação, *bem* indica grau mais alto, situa-se na margem superior de uma escala. Nesse padrão, *bem* aceita paráfrase com *muito* ou *bastante*, sua ordenação mais típica é à esquerda de adjetivos e de advérbios, conforme (8) a (10), ou à direita do verbo, conforme (11), e, diferentemente do qualificador modal, não se opõe a *mal*, mas pode intensificá-lo (p.e. *bem mal*).

(8) Antonio teve uma constipação **bem** forte, porem já está quasi bom. (20-1/CWL)

(9) E tenho a vida já **bem** cheia de aventuras D'amor (20-1/RA)

(10) Eu acordava **bem** cedo e eu era tão preguiçosa naquele tempo (20-2/AJ)

(11) (...) minha boca inchada sangrava, apertei **bem** os lábios (20-2/OCM)

A distinção entre o modal e o intensificador nem sempre é clara. A depender da natureza do predicado envolvido, é possível atribuir ambas as leituras a um mesmo dado, como, por exemplo, em *lavou bem as mãos*, em que *bem* admite leitura modal, na qual qualifica a lavagem das mãos de maneira satisfatória, e leitura intensiva, na qual a lavagem das

mãos atinge um nível de excelência em uma escala de possibilidades¹¹. Esse parece ser o caso de (11).

3. *Advérbio focalizador*. Realiza modificação por meio da singularização de uma porção de informação que se quer evidenciar ou precisar. À maneira de Ilari (2002), entendo que a manobra de focalização realizada por *bem* implica ‘operações de verificação’ que dependem de uma comparação com algum parâmetro explícito ou recuperável no contexto. As operações de verificação são várias e levam ao reconhecimento de tipos de focalização, seja na verificação de número; de identidade de indivíduos, lugares e tempos; de propriedades ou relações; de coincidência com um protótipo, e até na verificação de factualidade, em que, por um procedimento de demonstração, o advérbio tem a função de realçar a verdade e o compromisso com uma conclusão¹² e sugerir que não seria o caso de endossar outras opiniões (ILARI, 2002, p. 193). Nesses casos, *bem* pode incidir sobre o conteúdo de nomes, advérbios e verbos, aceitando paráfrase com *exatamente*, *realmente*, *justamente*, conforme (12) a (15). A ordenação prevalente é à esquerda.

(12) O cabelo dela era todo branco e num lugar, **bem** aqui perto da testa, tinha um pedaço de peruca preta toda cacheada. (20-2/AJ)

(13) A norma geral, **bem** se vê, é a da responsabilidade do proprietário. (20-2/RFD)

(14) “É **bem** capaz de estar gostando”, disse Ventura. (20-2/OCM)

¹¹ Lopes (2004) investiga, em perspectiva sincrônica, uma possível relação genética entre os usos modal e intensificador, em que a leitura intensiva teria resultado da modal via implicatura conversacional. A autora mostra diferenças distribucionais que sugerem especializações entre os dois padrões de uso, mas concentra-se no componente semântico comum, a existência de uma escala subjacente, que é qualitativa para o modal, quantitativa para o intensificador. Dados com adjetivos deverbais, em que as ambas as leituras são aceitáveis, como, por exemplo, *uma comida bem apurada* e *uma roupa bem torcida*, são tratados como evidência da transição.

¹² O subtipo focal ‘verificação de factualidade’, de Ilari (2002), aproxima-se do valor de partícula assertiva de *bien*, do francês, de Hansen (1998). Segundo a autora, com o advérbio de força assertiva, “le locuteur indique, de manière emphatique, son engagement vis-à-vis de l’existence de l’état des choses dénoté par la phrase” (HANSEN, 1998, p. 114) (“o locutor indica enfaticamente seu compromisso com a existência do estado de coisas denotado pela frase”).

(15) Só estes elementos, **bem** perceberá o leitor atento, já servem para colocar em dúvida os ataques contra o escritor. (20-2/OCM)

Na expressão dos valores adverbiais de *bem*, são recorrentes o componente avaliativo e o cotejo implícito com opções e possibilidades, dentro de um certo padrão ou parâmetro, traços que corroboram uma abordagem polissêmica de *bem*. Conforme tendências discutidas anteriormente (cf. Seção 2), advérbios que realizam ênfase e focalização podem estar na origem de relações concessivas. Em particular, a função de focalização por meio do realce de factualidade, segundo Ilari (2002, p. 194), é polifônica: “(...) sugere-se que é possível fundamentar a afirmação na observação imediata dos fatos ou em premissas facilmente compartilhadas, e evocam-se, polifonicamente, opiniões divergentes”, e a *polifonia* é constitutiva das relações concessivas (cf. Seção 3).

6 A diacronia dos padrões funcionais de *bem*

A pesquisa na amostra longitudinal considerou inicialmente todos os padrões de *bem*, lexicais e gramaticais¹³. O mapeamento dos dados resultou em 7453 *tokens*, distribuídos por usos nominais, adverbiais e conjuncionais. As frequências dos diferentes padrões de *bem*, em perspectiva longitudinal, são apresentadas na Tabela 1, da qual destaco: i) o padrão adverbial é o mais frequente em todos os estados de língua¹⁴; ii) os usos conjuncionais (sinalizados pelas hachuras) são mais tardios, emergem na transição entre português médio e clássico; iii) *bem que* é a primeira perífrase documentada, seus registros são mais frequentes nos textos dos séculos XVIII e XIX e mais restritos no português moderno¹⁵;

¹³ A seleção dos dados cobriu os usos nominal, adverbial e conjuncional concessivo, desconsiderando outros usos conjuncionais (*nem bem*, *bem como*), interjetivos e as dezenas de expressões nominais em *bem*.

¹⁴ A frequência absoluta do padrão adverbial (1397 dados), no século XVII, destoa das frequências nos demais estados de língua, o que se explica, em grande parte, em função de determinados textos da amostra terem favorecido um número bem elevado de dados (cf. 17TFV, 17CCJ, 17CR, 17MRM). Contudo, observa-se que, apesar desse pico em números absolutos, a frequência relativa se mantém nos mesmos níveis.

¹⁵ Hoje, a concessiva com *bem que* é muito pouco usual. Porém, nos textos do século XX, em sequências dialógicas, são comuns usos inovadores de *bem que* para a expressão de um desejo, como em: *Geni, bem que você podia cantar um pouco pra mim* (20-2/AJ)

iv) *se bem* é documentada a partir dos textos do século XVII; e v) *se bem que* é posterior e prevalece hoje sobre as demais.

Tabela 1 - Frequências absoluta e relativa dos padrões de *bem* em perspectiva longitudinal

	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX/XXI
<i>bem</i> Nome	68 (36%)	204 (33%)	264 (29%)	127 (17%)	286 (17%)	218 (23%)	165 (13%)	76 (8%)
<i>bem</i> Advérbio	120 (64%)	414 (67%)	656 (71%)	626 (83%)	1397 (82%)	675 (70%)	951 (76%)	918 (87%)
<i>bem que</i>	0	0	0	5 (< 1%)	2 (< 1%)	38 (4%)	97 (8%)	9 (< 1%)
<i>se bem</i>	0	0	0	0	22 (1%)	16 (2%)	2 (< 1%)	1 (< 1%)
<i>se bem que</i>	0	0	0	0	0	11 (1%)	34 (3%)	51 (5%)
Total	188 (100%)	618 (100%)	920 (100%)	758 (100%)	1707 (100%)	958 (100%)	1249 (100%)	1055 (100%)

Fonte: elaboração própria.

A pesquisa em gramáticas pretéritas do português, publicadas entre os séculos XVII e XIX, especificamente nas seções reservadas às classes de palavras e aos períodos compostos, mostrou que as primeiras referências a *bem que* e *se bem que* aparecem somente nas gramáticas do século XIX, o que confirma expectativas, considerando que, em geral, é extenso o período entre o surgimento de uma inovação gramatical, sua convencionalização e posterior registro. Em Ribeiro (1881, p.70), há menção a *si bem que* como exemplo de locução conjuntiva e sua utilização é frequente no próprio texto da gramática¹⁶. Em Barbosa (1822, p.348), há menção a *bem que* e *se bem que* no conjunto das várias ‘fórmulas conjuntivas’ em *que*, que, segundo o autor, “(...) todas nada tem de conjuntivo senão o *que* preparado e conduzido pelos nomes e advérbios, que o precedem nestas semelhantes formulas”.

Os dados de (16) a (23), a seguir, trazem exemplares de cada padrão de *bem*. Em (16) e (17), *bem* é nome que, frequentemente, requer alguma especificação; em (18) a (20), é advérbio que realiza diferentes tipos de modificação; em (21) a (23), *bem* é parte constituinte de juntores perifrásticos que expressam relações concessivas.

¹⁶ São dados de *si bem que* com valor restritivo, conforme os seguintes excertos: *O jacu femea – a onça macho*. “Macho” e “fêmea” são usados como adjetivos de dous gêneros, **si bem que** encontrem-se nos escriptos classicos portuguezes as variações “macha” e “femeo” (p. 81); *O uso de “cujo” como predicado e sem ter antecedente claro, si bem que classico e correcto, é arkhaico* (p. 227).

- (16) A liberdade corporal he hũũ dos **beens** da natureza (15-1/OE)
- (17) O mór **bẽ** que neste mũdo tiue que foy a mãy desta moça (16-2/TSM)
- (18) Ele, tanto que a vio recebeu-a mui **bem** e abraçou-a, (15-1/DSG)
- (19) aly amdauam antreles tres ou quatro moças **bem** moças e **bem** jentijs (15-2/CC)
- (20) (...) eu **bem** ssey, que non devia, poy'lo ey por vós (14-1/CA)
- (21) O feu orgaõ da respiraçaõ, **bem que** até agora fenaõ tenha determinado, parece estar pofto na boca. (18-2/HP)
- (22) Durou esta pia comemoraçaõ cento e trinta e quatro anos, e pouco a pouco se foy reffriando, até que o Papa Gregorio IX a renovou, e lhe accrescentou as Ave Marias do meyo dia, **fe bem** he opinião de alguns, que Luis XI Rey de França, fora o infituidor delas (18-1/SVP)
- (23) (...) achãdo-se com huma única filha, a quem os Medicos no seu achaque não davaõ remedio, se foy com ella ao Ermitão, o qual como a visse lhe difficultou a cura, porém que faria tudo, o que soubesse para ella ter alguma melhora, **se bem que** o achaque necessitava de tempo, e de remedios continuados (18-1/DA)

Os dados apontam o período clássico como um momento importante da reorganização do sistema de concessão do português. Além da formação das perífrases em *bem*, o mapeamento nos dados desse período apurou ainda outras formas emergentes para concessão: a perífrase *apesar de (que)*, que deriva de uma experiência emocional negativa vinculada ao nome *pesar*; as perífrases *sem que* e *nem que*, que partem de fontes negativas e evoluem a nuances distintas de concessão; e a conjunção *embora*, que deriva de uma expressão de volição. A especialização e a competição entre as formas novas para concessão, além dos recursos já disponíveis desde o português antigo (como, por exemplo, *ainda que*, *posto que*), ajudam a explicar a frequência relativamente baixa de *bem que* e *se bem que*. O tratamento conjunto dos mecanismos emergentes de concessão, em viés onomasiológico, será feito em outro trabalho.

6.1 Estágio inicial: usos adverbiais de *bem* no português antigo

Como as primeiras ocorrências de perífrases concessivas em *bem* foram documentadas nos períodos médio e clássico, interessa o exame mais circunstanciado dos usos adverbiais de *bem* em tempos mais remotos, nos textos do português antigo. Para tanto, diante da alta frequência do padrão adverbial (cf. Tabela 1), procedi a uma análise qualitativa baseada em uma subamostra de dados obtida a partir da seleção aleatória de ocorrências de todos os textos da amostra do período. Submeti um total de 192 dados de *bem* à classificação tripartida exposta anteriormente e verifiquei que os três padrões de modificação já eram usuais no período antigo, com as seguintes frequências (Tabela 2).

Tabela 2: Padrões de modificação de *bem* em uma subamostra do português antigo

modal	intensificador	focalizador
75/192 39%	26/192 13%	91/192 47%

Fonte: elaboração própria.

No padrão modal, que perfaz 39% da subamostra, *bem* modifica principalmente verbos e alguns adjetivos, acrescentando em todos os casos um valor qualitativo modal. A distribuição sintática é similar àquela dos dados contemporâneos: quando modificador verbal, *bem* ocorre tipicamente à direita, conforme (24)-(26); quando modificador adjetival, à esquerda, conforme (27)-(28). Também são comuns ocorrências em que *bem* está em relação de coordenação com um advérbio em *-mente*, conforme (29), o que torna bem evidente o valor modal. Os dados mostram uma afinidade maior com verbos de ação (*fazer, servir, pesar, plantar, obrar, lavar, remar, vestir*), alguns de elocução (*aconselhar, dizer, cantar*) e movimento (*andar*).

(24) Diz meu amigo que me serve **ben** e que ren non lhe nembra se non min (13-1/CA)

(25) E Torismundo teve que o cõselhava **bem** sem nẽhũũ engano e porẽde fez o que lhe cõselharon (14-2/CGE)

(26) (...) pera ssaberem sse os carneçeiros pessam **bem** a carne ponha-sse a ballança e pesos (15-1/LRE)

(27) E el foi pera la e vio-a seer mui fermosa e mui **bem** vistida
(14-1/NL)

(28) E contra o septentrion jaz a serra muy **ben** plantada de arvores
e de muytas villas (14-2/CGE)

(29) (...) sayrom a nós e receberom-nos muy **bem** e muy ledamente
(14-2/FS)

No padrão *intensificador*, menos frequente na subamostra (13% dos dados), *bem* atua essencialmente como um modificador de adjetivos, graduando para mais, em uma escala relevante de possibilidades, conforme (30) a (33). A indistinção entre modo e intensificação, sinalizada anteriormente, já se verificava no período antigo, como em (33), em que *correr bem* admite a leitura “correr de modo satisfatório, dentro do padrão esperado”, em acepção qualitativa modal, ou “bastante, muito”, em acepção de intensidade.

(30) (...) que se levanta **bem** fremosa asy como a Lũa (14-2/CI)

(31) (...) a crisma deue seer cuberta de pano de sirgo ou de linho **bẽ**
brãco (14-2/PP)

(32) (...) faziam grande fugueira de lenha **bem** seca (14-2/CGE)

(33) (...) e outrosi correr **bem** e saltar per pallanca (14-2/LM)

No padrão *focalizador*, o mais frequente (47% dos dados da subamostra), *bem* incide sobre termos, predicados e até sobre proposições inteiras, singularizando partes de informação que estão à sua direita, o que resulta, nos dados analisados, em pelo menos três dos efeitos postulados em Ilari (2002): especificação de um número, *bem XV mil*, em (34); identificação de um espaço, *bem aly*, em (35); ou reforço de uma asserção, como (36) a (41):

(34) E os Mouros eram **bem** XV mil de cavalo, e os de pee nom
havam conto (14-1/NL)

(35) (...) repentiu-ss' e foy perdon pedir logo, **ben** aly u peccador
sol achar (13-2/CSM)

- (36) A provar averey eu se poderey guarir sen a hir veer, pero **ben** ssey que o non ey de fazer (13-1/CAM)
- (37) Amygo sygue me e soterra o meu corpo depouys que eu morer. ca **bẽ** creio per deos ca ueras galardõ por êde (14-1/LMT)
- (38) – Senhor, ora podedes buscar quem na prove, ca eu nom meterei i mais mão, ca eu **bem** vejo que Deus nom ma quer outorgar. (15-1/DSG)
- (39) E **bem** ssabede que os mercadores nõ leixarõ as peças do muymento de marmor que britaran o sãto corpo iazia ante as leuaron conssgio (14-1/TSN)
- (40) (...) digo ainda asy: **bem** ssabedes vós, rainha senhor, que antre a cousa infiinda e a cousa fiinda nom he alghũa conperaçom. (14-2/CI)
- (41) (...) por que era sutil desputador, e em ditar, ainda que fosse huñ pouco alevantado, todavia era doce, em tal guisa que **bem** o poderias conehcer por dicipolo de Theofrasto (15-1/LO)

Enquanto reforço de força assertiva, *bem* põe em realce o compromisso do locutor com a verdade do enunciado e sua crença nas consequências futuras, conforme (36) a (38); ou assegura a validade de um conteúdo buscando neutralizar possíveis objeções do(s) outro(s), como parece ser o caso de (39) a (41). Trata-se de efeitos de sentido que resultam da interação entre o significado de *bem* focalizador e fatores contextuais diversos. Nesses contextos, conforme os dados analisados, *bem* participa de construções completivas com traços bastante previsíveis, em que: i) *bem* ocupa a oração nuclear e escopa seu conteúdo¹⁷; ii) o sujeito da oração nuclear é expresso em primeira ou segunda pessoa, a depender do efeito pretendido; iii) os predicados se realizam mais frequentemente com verbos de cognição (*saber, entender, compreender, crer*) e, em menor escala, com os de elocução (*dizer, jurar, aconselhar*) e volição (*querer, sofrer*); iv) os verbos da oração nuclear se realizam

¹⁷ O escopo amplo distingue o funcionamento de *bem* focalizador daquele do qualificador modal e do intensificador, bem como de outras manobras do focalizador, como em (34) e (35), cujo escopo é mais restrito. O alargamento do escopo é uma condição importante para a constituição do juntor (cf. Seção 6.3 e 6.4).

majoritariamente no presente do indicativo; e v) a polaridade negativa é bastante frequente na oração subordinada (cf. (36), (38), (39) e (40)).

A marcação enfática da verdade de um conteúdo implica a existência de possíveis razões para questioná-la, configurando-se, assim, um cenário dialógico, polifônico, em que convivem posições antagônicas¹⁸. Considerando que a emergência de jutores contrastivos é favorecida em contextos dialógicos (TRAUGOTT, 2010), os dados desta seção trazem algum respaldo empírico para a então suposta relação de derivação entre a função de afirmação enfática e o significado concessivo, relação que será examinada, de maneira circunstanciada, nas seções 6.3 e 6.4.

6.2 Estágio final: as perífrases concessivas em *bem*

Nesta seção, o foco está na caracterização das construções concessivas com *bem que* e *se bem (que)*, etapa importante para a posterior elaboração de explicações sobre seus percursos graduais de constituição. As frequências dos dados que se conformam ao padrão alvo concessivo, 288 *tokens* no total, são mostradas na Tabela 3, que é um recorte da Tabela 1. As perífrases partilham os seguintes traços: i) ocupam a margem esquerda do segmento concessivo; ii) têm escopo amplo; e, iii) têm significado instrucional, não composicional, de quebra de expectativas. Embora provável que *se bem* e *se bem que* sejam estágios de uma mesma trajetória de mudança, represento-as ainda separadamente, visando a apreender a cronologia e outros fatos relevantes à convencionalização com *que*.

Tabela 3: Perífrases conjuncionais de base em *bem* em perspectiva longitudinal

	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX/XXI
<i>se bem que</i>	2 (11,80%)	2 (9%)	26 (24%)	87 (17%)	111 (27%)
<i>se bem</i>	0	22 (92%)	16 (22%)	2 (2%)	1 (2%)
<i>se bem que</i>	0	0	11 (17%)	24 (25%)	21 (24%)
Total	2 (11,80%)	24 (20%)	63 (24%)	113 (18%)	133 (18%)

Fonte: elaboração própria.

¹⁸ Posição assumida em Anscombre (1980, p.118): “(...) le simple fait que renforcer une assertion, c'est par là-même signaler que cette assertion avait besoin de l'être, et qu'elle pouvait donc être combattue. C'est de cette façon qu'une marque de renforcement devient une marque de concession”. (“(...) o simples fato de reforçar uma afirmação é em si uma indicação de que essa afirmação precisava ser reforçada e que, portanto, poderia ser contestada. É assim que um marcador de reforço se torna um marcador de concessão”)

A análise de fatores relativos à ordenação das orações, à realização modal da oração concessiva e ao tipo de relação concessiva – se *causa negada* ou *restrição* – permite apurar aproximações e diferenças entre os usos das perífrases. No que toca à ordenação do membro concessivo com relação à oração nuclear, conforme Tabela 4, os dados evidenciam que as três ordenações são possíveis: anteposição, posposição e intercalação. No entanto, as concessivas com *se bem* e *se bem que* mostram tendência mais acentuada à posposição, respectivamente, 71% e 68%. A posposição das concessivas se relaciona à manobra de concessão por restrição, em que, por razões lógicas, primeiramente um evento é verbalizado para então ter sua validade restrita (RUDOLPH, 1996).

Tabela 4: Correlação entre juntor e ordenação do membro concessivo

	anteposição	posposição	intercalação
<i>bem que</i>	52/151 (35%)	67/151 (44%)	32/151 (21%)
<i>se bem</i>	5/41 (12%)	29/41 (71%)	7/41 (17%)
<i>se bem que</i>	17/96 (18%)	65/96 (68%)	14/96 (14%)

Fonte: elaboração própria.

Com relação à informação modal de *indicativo* ou *subjuntivo*, parâmetro aplicado aos segmentos concessivos oracionais desenvolvidos¹⁹, a Tabela 5, em números absolutos, mostra que as orações com *bem que* estão mais relacionadas ao subjuntivo, as orações com *se bem*, com indicativo, e as orações com *se bem que* se associam a ambos os modos, com frequência maior de subjuntivo, corroborando Neves e Braga (2016) e Neves e Coneglian (2018), sobre estudos de *se bem que* no português moderno.

Tabela 5: Informação modal na oração concessiva em perspectiva longitudinal

	XVI		XVII		XVIII		XIX		XX/XXI	
	Ind	Subj	Ind	Subj	Ind	Subj	Ind	Subj	Ind	Subj
<i>bem que</i>	0	5	0	0	8	13	17	49	1	6
<i>se bem</i>	0	0	14	0	17	0	1	1	0	1
<i>se bem que</i>	0	0	0	0	11	0	10	15	12	22

Fonte: elaboração própria.

¹⁹ As articulações de termos e de orações reduzidas são menos frequentes nos dados investigados. Para *bem que*: termo (28%), oração reduzida (6%), oração desenvolvida (66%); para *se bem*: termo (24%), oração reduzida (7%), oração desenvolvida (69%); e para *se bem que*: termo (21%), oração reduzida (6%), oração desenvolvida (73%).

Nos dados analisados, o subjuntivo não expressa a hipoteticidade que tradicionalmente lhe é atribuída, conforme mostram (42) e (43), em que claramente o escrevente conhece e afirma a verdade do conteúdo da concessiva. Nas ocorrências de *bem que* e *se bem que*, o uso do subjuntivo parece mais associado à marcação de uma irrelevância argumentativa do estado de coisas *p* para a asserção feita previamente em *q*.

(42) Aqui tudo vaee em paz. Ha vinte dias mais ou menos chove continuado, por isso ainda não pude terminar a terceira carpa, mas, vou carpindo com chuva, **si bem que** esteja mudando o mato. (20-1/CWL)

(43) O imperador mostra-se animadíssimo, **bem que** continue a envelhecer a olhos vistos (21-1/HGB)

No quadro das concessivas do português, o recuo de *bem que* é um fato significativo a ser esclarecido e os dados da Tabela 5 podem contribuir. Uma hipótese a ser considerada é a de Montero Cartelle (2000) sobre fatos da história das concessivas do espanhol. Segundo o autor, a seleção modal é relevante para a compreensão das condições que regem a manutenção e o desaparecimento de jutores nas línguas, pois tendem a permanecer aqueles com grau maior de versatilidade, não restritos a uma única realização modal. Para os dados de *bem que* parece, de fato, haver uma especialização com tempos do subjuntivo, já *se bem que* é mais versátil. De todo modo, são necessárias mais investigações.

Quanto aos tipos concessivos, ambas as construções com *bem que* e *se bem que* estão mais envolvidas com estratégias de restrição, pelas quais a informação trazida pelo segmento concessivo *p* relativiza, em termos argumentativos, o conteúdo da oração nuclear *q*, como em (44)-(46). Casos de concessão por causa negada são raros e mais associados a *bem que*, como em (47)-(48). A Tabela 6 correlaciona o tipo de jutor e a nuance concessiva.

Tabela 6: Correlação entre jutor e tipo de relação concessiva

	Causa negada	Restrição
<i>bem que</i>	10/151 (7%)	141/151 (93%)
<i>se bem</i>	0/41 (0%)	41/41 (100%)
<i>se bem que</i>	1/96 (1%)	95/96 (99%)

Fonte: elaboração própria.

- (44) (...) não teve outro remédio mais, que valer-se da fortaleza de Sagres, e desta maneira escapou, **bem q** com gradissimo dano (17-1/G)
- (45) As mezinhas eraõ taõ poucas, & os Surgioẽs taõ ruins, que os mais, morriaõ mais das curas, que dos golpes. **Se bem** cuidadolíllimos os Irmãos da Santa Cafã da Mifericordia, tratavão no Hospital com todo regallo aos Enfermos. (17-2/NL)
- (46) As acções de Alexandre, e Cefar, que estavaõ brevemente para fahir à luz no idioma Portuguez, ficaõ reservadas para ferem obras poſthumas, e talvez que entãõ sejaõ bem aceitas; porque os erros facilmente se desculpaõ em favor de um morto; **fe bem que** pouco vale hum livro, quando para merecer algum ſuffragio, necessita que primeiro morra o ſeu Author (18-2/RSV)

Nos dados de (44) a (46), o conteúdo da concessiva retifica ou restringe o que é dito explicitamente no contexto prévio e/ou as suposições que dele podem ser extraídas, em um conflito de forças no qual, ao final, prevalece a asserção da oração nuclear, ainda que atenuada. Em (44), afirma-se que o sujeito se salvou em um combate, abrigoando-se em uma fortaleza, mas acrescenta que os danos foram enormes. Em (45), afirma-se que há poucos remédios e que os cirurgiões são ruins, de modo que os feridos morriam mais em razão do tratamento inadequado do que dos próprios ferimentos. Essa asserção leva à suposição de que o hospital não cumpria seu papel. No entanto, a asserção concessiva enfraquece a suposição ao acrescentar que o trabalho dos religiosos no hospital trazia benefícios aos enfermos. De modo similar, em (46), o conteúdo de *p* coloca em questão a relevância do que é posto em *q*, ou seja, que as obras póstumas podem ser bem aceitas apesar dos erros.

Já (47) e (48) são pautados na suspensão de uma implicação de causalidade recuperável no contexto discursivo. No primeiro, nega-se a implicação de que a pouca idade é incompatível com a obtenção de um doutoramento e, no segundo, nega-se a implicação de que a cegueira é empecilho à instrução e ao sucesso. Contudo, nesses casos, a quebra de expectativa decorre não só da negação da implicação, mas também da *suposição inferida* de que existe uma força determinante – ou *causa primordial*, nos termos de Pander Maat (1999) – que supera

as circunstâncias trazidas pela oração concessiva, fazendo prevalecer o conteúdo da nuclear. Em (47), a causa primordial é “o Sr. Frankilim tem uma inteligência excepcional” e, em (48), “a menina cega tem capacidade de superação e talento excepcionais”. Nesses termos, a presença do segmento concessivo aumenta a força argumentativa da construção complexa.

(47) O Sr. Frankilim, **bem que** muito joven ainda, é formado Doutor em Mathematicas! (19-2/ZA)

(48) Mas a Providencia, como querendo testemunhar a Haüy sua adesão a tão nobres sentimentos, conduziu a Paris em 1784 uma menina allemã, que, **bem que** cega desde a idade de dous annos, tinha recebido muita instrucção, e era tambem excellente musica (19-2/IMC)

As nuances concessivas, causal e restritiva, contêm uma negação inerente e essa negação instiga a inferência de suposições, que são respaldadas pelo cotexto prévio ou pelo contexto discursivo e que, quando colocadas em jogo, realizam esquemas argumentativos distintos. Fica evidente, portanto, o nível de envolvimento do locutor e o caráter essencialmente pragmático das relações concessivas. A convencionalização das duas perífrases como juntores concessivos especializados em relações restritivas, ou seja, em relações que atenuam, do ponto de vista argumentativo, o conteúdo da oração nuclear, é um fato importante a ser rastreado, juntamente com a função focal de *bem* (cf. Seção 6.1), no estudo da constituição do significado concessivo.

6.3 Estágios intermediários: a trajetória de mudança em *bem que*

No português antigo, são abundantes os usos de *bem* em contextos dialógicos, conforme (49)-(51), em que sua função é reforçar a crença sobre a verdade do enunciado. Nesse caso, a adesão do locutor ao conteúdo é elevada. Os contextos envolvem negativa explícita, como (49), presença de juntores contrastivos, como *mays*, em (50), e estruturas paralelas com esquema de refutação e correção, do tipo *nom p, senõ q*, em (51). Esses dados enquadram-se no padrão fonte, juntamente com (36)-(41), e neles ainda não há leitura concessiva.

- (49) A provar averey eu se poderey guarir sen a hir veer, pero **ben** ssey que o non ey de fazer, e d' esto mi ven morte (13-1/CAM)
- (50) (...) costume he *que* nêhũu mayordomo nõ deue costrenger nêgũu por deuida en forno nê en açougue nê en adegã saluo sse ffor ja julgado. mays pode **ben** por testaçõ sobre pan & sobre vinho & sobre carne & sobre toda-las outras cousas (13-2/DCS)
- (51) – **Bem** sey eu, Senhor, que este feito nom foy por al, senõ porque mi és ainda sanhudo e porque eu nõ quigi estar em mha ordem pera ti fazer serviço. (14-2/FS)

Compare esses dados com (52)-(54), a seguir, em que o advérbio enfático está em uma estrutura correlativa com *mas* e o complexo oracional *bem p*, *mas q* habilita uma leitura concessiva, ainda que de modo composicional. Diferentemente de (49)-(51), em (52)-(54), há dupla interpretação:

- (52) (...) depoy a molher **bẽ** pode alimpar se do pecado per pêdêça. mas nũca ã nehuũa guysa pode cobrar a virgindade nẽ a entegridade dela. (14-1/LMT)
- (53) E ele lhe respondeo: “(...) e vós, senhor, nom havedes d’haver batalha com condes, mais mandade i estes boos fidalgos de Portugal, com que tenho grandes dívidos, e eu irei i com eles e, ou eles vencerom, ou eu i morrerei com eles». El rei disse: «Entendo que taes sodes vós, que **bem** posso ser escusado desta fazenda por vós, mais eu quero i seer». (14-1/NL)
- (54) (...) e que muytos crem ã a raiz do calamo aromatico he a raiz do esquinãto, e tãbẽ diz ã outros tẽ que a raiz da gualanga he a do esquinãto, e que junco Aromatico, e calamo aromatico nõ deue de fer muyto deferentes por afemelhança dos nomes. or. **Bem** pode fer que todos os finaes de dioscorides nã quadrem ao esquinãto mas o esquinãto he ho mefmo ã sempre foy, (16-2/CSD)

Nessas estruturas, a leitura de concessão está pragmaticamente disponível a partir da contribuição conjunta de *bem* e de *mas*, envolvidos

em uma manobra argumentativa polifônica. Para explicá-la, baseio-me, em parte, em Rodríguez Somolinos (1995) e Rossari (2014), que descreveram *certes p, mais q*, do francês. Nas construções de dupla interpretação *bem p, mas q*, os segmentos *p* e *q* são conteúdos afirmados e apresentados com estatutos discursivos diferentes. O segmento *p* traz um conteúdo *aceito* pelo locutor, mas atribuído a outro(s) enunciador(es), enquanto o segmento *q* traz o conteúdo que é *endossado* pelo locutor. A distinção entre as noções de *aceito* e *endossado* é fundamental: o que é endossado tem um grau maior de importância do que o que é aceito; o endossado é focal (ROSSARI, 2014).

Nessa manobra, *bem* incide sobre *p*, seu papel é reforçar a verdade da asserção do outro, sinalizando aceitação e aumentando a carga de subjetividade da construção. Um conteúdo só pode ser *aceito* se ele está disponível no contexto ou no universo de conhecimentos partilhados, isso implica que *p* veicula uma *informação dada* que, nesse caso, é reativada pelo advérbio *bem*, via uma espécie de anáfora. Na outra parte da construção, *mas* indica que o conteúdo de *q* e as conclusões extraídas são mais decisivas e refletem a posição do locutor. Como resultado, a estrutura correlativa *bem p, mas q* expressa um raciocínio tipicamente concessivo, em que o locutor adere a um argumento, reforça sua validade, mas o enfraquece ou mesmo o descarta em favor de outro argumento.

O dado (52), extraído do *Livro dos Mártires*, obra que trata dos feitos e paixões dos santos, é parte de um relato dos dizeres de São Nereu sobre a importância da virgindade. Em *p*, o locutor aceita e enfatiza a possibilidade de uma mulher purificar-se do pecado por meio de penitências, algo plausível do ponto de vista institucional religioso, no entanto, ele endossa em *q* o fato de que a purificação é insuficiente para a recuperação da integridade da mulher. Em (53), o locutor (nesse caso, *o rei*, em discurso direto) resgata do discurso prévio do interlocutor a possibilidade de ser dispensado da empresa (*posso ser escusado desta fazenda por vós*), mas marca em *q* posição contrária à possibilidade então licenciada. Em (54), *bem* enfatiza em *p* a possibilidade de que os traços fornecidos por Dioscórides não sejam suficientes para enquadrar a raiz esquinanto, informação dada no contexto prévio; contudo, em *q*, ele endossa o fato de que a planta sempre apresentou as mesmas características.

A nuance concessiva nos dados de dupla interpretação é a restritiva, aquela que reúne argumentos que têm forças distintas para sustentar uma conclusão. A análise aplicada a esses dados mostra um

elo entre os significados fonte e alvo, que é central para a compreensão da origem diacrônica do significado concessivo: a afirmação enfática realizada por *bem*, que realça a aceitação da verdade e/ou da posição do(s) outro(s) e sugere que seria incorreto acatar opiniões contrárias, é só uma estratégia para a inserção subsequente da posição endossada; e, havendo um ranque entre posições ou opiniões, se instaura hierarquia argumentativa, traço característico das concessivas restritivas.

Os dois conjuntos de dados, relativos aos contextos fonte e dupla interpretação, mostram diferenças salientes que indiciam aspectos do percurso de mudança rumo a *bem que*. Embora *bem* tenha nos dois contextos o papel de enfatizar uma afirmação, o grau de adesão ao conteúdo afirmado é diferente em cada caso, é forte no contexto fonte e fraco na dupla interpretação. A adesão fraca ou nível menor de confiança em (52)-(54) se deve, sobretudo, ao valor epistêmico de possibilidade de *p*, realizada com modal *poder* + infinitivo. A possibilidade epistêmica é acordada com o outro, é concedida, antes de ser qualificada como menos relevante. Uma segunda diferença está no fato de que, no contexto fonte, o locutor apresenta-se como o responsável pelo conteúdo assertado, já no contexto de dupla interpretação, há inclusão de uma outra posição argumentativa. A terceira diferença está obviamente na inferência de concessão presente nos contextos duplamente compatíveis com fonte e alvo.

A inferência concessiva sustentada a princípio por uma estrutura de que *bem* participava foi absorvida por *bem que*, depois de convencionalizado com *que*, provavelmente na transição entre português médio e clássico, se especializou em veicular um significado instrucional de concessão. As primeiras ocorrências da perífrase, documentadas no século XVI, mostram *bem que* como palavra gramatical, que ocupa posição fixa na margem esquerda de *p*, que tem escopo alargado incidindo na conexão binária entre *p* e *q* e que fornece instruções sobre a interpretação da conexão entre *p* e *q*. No entanto, elas têm em *q* um traço remanescente da estrutura correlativa que suponho ser a fonte: a conjunção *mas*. Reproduzo duas ocorrências, em (55) e (56), ambas de um mesmo texto, o *Colóquios de simples e drogas da Índia*, do médico botânico Garcia de Orta. A obra é construída na forma de diálogo em que o Dr. Orta expõe seus conhecimentos a Ruano, um interlocutor imaginário.

(55) (...) e os físicos da Perfia e da Turquia que curã aquelle Rey que vos ja nomeey, me dixeram que Auicena era de hũa cidade chamada Bohchoraa, a qual cae em a prouincia dita Vzbeque, que he parte da Tartaria, que nos chamamos, ou dos Magores, como elles chamão qua: **bem que** Andreas Belunenfis chame a aquella parte Perfia, mas ifto he largo modo tomãdo a Perfia (porque Perfia he pequena regiam) e depois foubde de mercadores difcretos e curiosos que muito tempo moraram em Hormuz, e perguntey lhe que cidade era Bohchoraa, e me dixeram que caya na parte de Vzbeque. (16-2/CSD)

(56) (...) e per estes dous nomes fam conhecidas estas duas maneiras de cardamomo dos físicos Arabios e mercadores, e ambas ha na India, e a mayor quantidade he de Calecut ate Cananor, **bem q̃** em outras partes do Malauar ha aja, e na Iaoa, mas não he tanta quantidade nem tam branco da cafa... (16-2/CSD)

6.4 Estágios intermediários: a trajetória de mudança em *se bem que*

No português antigo, *bem* é frequente em construções condicionais, ora reforçando uma possibilidade trazida pela apódose, conforme (57), ora reforçando uma hipótese na prótase, conforme (58). São usos que se conformam ao padrão fonte, sem leitura concessiva.

(57) Pero se alguus dineyros *per* conta ou ouro ou prata en massa receber doutri <en> encomêda a peso, **ben** o pode usar e dar a outro tão como o *que* recebeu. (13-2/FRA)

(58) por assi ser humeda, que por esso corrigiria a sua compleixom, ca, se estes **bem** soubessem en como se faz por direyta natureza, non falarom en esta guisa (14-2/LM)

Nesse período, identifiquei um único dado de dupla interpretação, (59), em que *se* e *bem* estão contíguos, em um contexto que reúne assertividade, modalidade epistêmica e polaridade negativa. O advérbio *bem* enfatiza a verdade do conteúdo da prótase *p*, a real *possibilidade de semelhança*, enfraquecendo seu caráter hipotético, e o conteúdo

subsequente sugere a irrelevância dessa verdade, já que prevalece a afirmação de que não há coincidência entre os rastros encontrados e os das pequenas relas. O fato de a prótase codificar informação conhecida, já mencionada em enunciado prévio (*que todo o rastro pareça*) é fundamental para a produção da inferência de irrelevância frente ao conteúdo de *q*.

(59) (...) todo o rastro pareça também das unhas de diante como das reelas, sempre son alongadas da entrada do rastro e as reelas juntas e curtas e grosas, e o talho, quando o poem en terra que **se bem** possa parecer, **non** se ajuntam as reelas ao rastro con grande peça, ca tal talho he o do rastro do cervo. (14-2/LM)

Nos textos do português médio e clássico, são mais frequentes os casos de dupla interpretação entre condição e concessão. O mapeamento desses dados, nos séculos XVI ao XX, é apresentado em números absolutos na Tabela 7, que mostra também os dados do padrão alvo, realizados por *se bem* e *se bem que*, permitindo comparação. Dados de dupla interpretação e os primeiros usos concessivos aparecem associados somente a *se bem*, na primeira metade do século XVII. Eles antecedem a emergência de *se bem que*, documentada a partir do século XVIII, e se tornam escassos à medida em que *se bem que* ganha terreno no português moderno.

Tabela 7: Padrões de dupla interpretação (condição ~ concessão) e de alvo (concessão) de *se bem (que)*

	xvi-1	xvi-2	xvii-1	xvii-2	xviii-1	xviii-2	xix-1	xix-2	xx-1	xx-2
<i>se bem</i> dupla interpretação	0	0	17	16	6	3	0	0	0	0
<i>se bem</i> concessivo	0	0	3	19	5	11	0	2	0	1
<i>se bem que</i> concessivo	0	0	0	0	8	3	14	20	40	11

Fonte: elaboração própria.

Os dados de dupla interpretação com *se bem* são chave para explicação da mudança. Neles, o molde condicional²⁰ é aproveitado para

²⁰ Narbona Jiménez (1990, p.94) refere-se a esse recurso em espanhol, evidenciando seu uso desde a época medieval: *mas si él fue brauo, no falló flaco al outro*; conforme também Cortes Parazuelos (1993). Em português, Leão (1961, p.81) enumera os diferentes propósitos expressivos para os quais se usam períodos hipotéticos, dentre eles está a marcação de oposição entre fatos ou seres: *se há uma razão pessoal para não ceder ao calendário, sobram mil outras para obedecer-lhe*.

fins de contraposição, com enfraquecimento da implicação condicional e do valor hipotético da prótase *p* em favor da expressão de contraste. Para tanto, as construções exigem arranjos contextuais específicos que, nos dados em análise, compreendem a ordenação das orações, com necessária anteposição da prótase, os paralelismos estruturais com opostos lexicais, a bipolaridade ou correlações enfáticas do tipo *bem... (muito) melhor*. Dadas as especificações contextuais, foi possível distinguir três conjuntos de dados de dupla interpretação com *se bem*.

Um conjunto abarca dados que mostram paralelismo estrutural, como (60) e (61). No primeiro, defende-se o ponto de vista de que os noviços têm seus estudos prejudicados em razão das várias obrigações e ocupações que eles têm de cumprir, por regra, na casa onde moram. Por meio de dois predicados paralelos com *ser*, a condicional *se* equaciona aspectos favoráveis e desfavoráveis. A presença de *bem* em *p* reforça a adesão do escrevente à *observância*, à submissão às regras da casa, no entanto, em *q*, argumenta que as regras comprometem o estudo, corroborando o argumento inicial. A construção admite paráfrase com ‘embora sejam todas em favor da observância, são contrárias ao estudo’, em que a oração concessiva antecipa uma possível objeção. Interpretação similar vale para (61), que cria uma compensação: os indivíduos eram incapazes de fazer oposição, mas tinham a função considerável de atuar na vigilância.

(60) Pesando-se tudo, parece que nem o mais aturado estudante desta Ordem pode dizer que estuda muito. Pois que diremos, se considerarmos que, sendo a força do estudo dos principiantes dos dezasseis até os vinte cinco anos, não sejam isentos por essa razão de nenhuma das obrigações de casa de noviços, na qual, além das gerais, há outras ocupações, que, **se bem** são todas em favor da observância, são em todo contrárias e distractivas do estudo. (17-1/VFB)

(61) Donde incitados do próprio animo, passaraõ á guerra de Parnambuco; fendo naquella Freguesia as pelloas de mais qualidade, & mais grossas fazendas, para com a despêsa, & o respeito, levantarem algũas Companhias, & Capitães de embofcadas, dos mefmos Moradores. Que **se bem** incapazes de fafer opposição, serviriaõ de sentinellas, dando rebate das sahidas que facilitava ao Inimigo, o feu Forte de Oranje. (17-2/NL)

No segundo conjunto de dados, conforme (62) e (63), as construções têm uma negativa explícita na apódose *q*. Do ponto de vista argumentativo, *bem* modifica a prótase, conferindo assertividade, e a negação da apódose compõe o argumento decisivo. São prótases sem valor hipotético, realizam-se com pretérito.

(62) (...) & escondido delle, tratou com o pouo & claeiro, o como o faria facerdote, & o pouo poz guardas ás portas da cidade, indo Santo Agoftinho a ella, para que lhes não fugiffe; & **fe bem** recuzou o facerdocio, não refiftio menos ao Bispado como elle affirma de fy. (17-1/TFV)

(63) No tocante à etymologia de *Feria*, faõ varios os pareceres. Huns derivaaõ esta palavra da immolaçaõ das victimas, *A victimis feriendis*, mas tem fuas duvidas esta derivaçaõ, porque **fe bem** havia sacrificios nos dias de Férias, como tambem fe não trabalhava nas festas dos sacrificios, não eraõ as Férias propriamente destinadas para sacrificar, nem taõ pouco os sacrificios para não trabalhar; de mais difto havia Ferias, em que fe não fazia nenhum sacrificio. (18-1/SVP)

O terceiro conjunto, conforme (64)-(66), diz respeito a contextos condicionais em que *bem* é parte de uma correlação enfática com outro advérbio (*bem... melhor; bem... ainda/muito melhor*) e ambos os advérbios sinalizam valores positivos em uma possível escala avaliativa. Diferentemente dos outros casos discutidos, aqui o padrão de *bem* é o intensificador. Na escala avaliativa, *bem* aumenta a importância do conteúdo da prótase e *melhor* acentua a superioridade do conteúdo da apódose, conformando-se a um raciocínio concessivo em que algo importante é tido como insuficiente. Nesse conjunto, são recorrentes verbos nos pretéritos do indicativo e frequentemente a construção é seguida por uma justificativa.

(64) Aqui nam pode o enfermeiro refiftir mais, vendo o charitatiuo offercimento do Padre, que **fe bem** o disse por palaura, **muito melhor** o executou por obra. (17-1/CCJ)

(65) Verdade he foy tempo, em que S. Agoftinho ajudou a rafgar & a romper a Igreja, por meo da heregia dos Manicheos, porem **fe bem** a rafgou, **melhor** a concertou, & refituiu: porq affy como entrando Iacob em caza de Labão lhe crescerão os bês, affy em entrando S. Agoftinho na Igreja, os bens espirituaes forão em grande abundancia, & crecimêto. (17-1/TFV)

(66) Isto he o *que* tem precedido; e elle **Se bem** o dise **melhor** o fez, por *que* alem de Se recolher á sua *fazenda* fuzpendeo atodoz os escriuains *que* há nesta *Villa* e alCayde; (18-1/PRA)

Nos três conjuntos, a composicionalidade de *se bem* é favorecida pela anteposição da prótase e evidenciada pela possibilidade de omitir *bem* sem invalidar a construção. O que se ganha com a inserção de *bem* é qualidade na argumentação, seja na sinalização de concordância e aderência, seja na intensificação escalar. Verbos no pretérito e o estatuto de informação dada atuam no enfraquecimento da condicionalidade, ao mesmo tempo em que a polaridade negativa, os paralelismos e o léxico antagônico sustentam processos inferenciais que expressam contraposição com base na gradação e hierarquia entre argumentos para uma conclusão. Esses dados de dupla interpretação convivem com dados de *se bem* reanalisado em perífrase, em que prevalece o valor alvo, como (22) e (45), mencionados anteriormente, e (67) e (68), a seguir, em que o conteúdo introduzido por *se bem* restringe o conteúdo da oração nuclear. A ordenação das orações, em particular, parece ter um papel bem importante: os dados de dupla interpretação condição ~ concessão estão sempre em anteposição; os concessivos, sempre em posposição.

(67) Sobre esta tomadia ferve outra vez a tempestade repetida, **se bem** menos escura, porque já corre vento para ambos os pórtos, que espalha as nuvens (17-2/AF)

(68) A cabeça, que he alongada, parece eftar provida de quatro pontas, ou tenteadores carnudos, **fe bem** a natureza não lhe deo mais que dous, que fe pollãõ, propriamente falando, chamar tenteadores (18-2/HP)

7 Considerações finais

Este trabalho trouxe alguma explicação sobre os processos de gramaticalização das construções complexas com *bem que* e *se bem que*, que ampliaram o sistema de concessividade no curso do português clássico. Os dados forneceram indícios de que das multifunções do advérbio *bem* a afirmação enfática teve papel determinante na mudança, corroborando evidências tipológicas de que partículas que conferem assertividade são fortes candidatas à expressão de relações concessivas. Indiciaram também que, além da propensão da fonte, a mudança requer outras condições, sobretudo relacionadas à natureza dos contextos de uso.

A pesquisa longitudinal sugeriu que os processos de mudança dependeram de arranjos particulares entre afirmação enfática e traços contextuais específicos. São esses arranjos que habilitaram a inferência de novos significados. No caso de *bem que*, a estrutura correlativa polifônica *bem p, mas q* parece estar na origem da derivação histórica, ao estabelecer relações contrastivas entre conteúdos aceitos e endossados, criando hierarquias argumentativas. No caso de *se bem que*, a afirmação enfática (às vezes, a intensificação escalar) é combinada à condicionalidade. São contextos em que há, de um lado, enfraquecimento da implicação causa/efeito e do caráter hipotético da condicional, o que se deve à atuação de *bem* e ao estatuto *dado* da prótase; de outro, há uma série de correlatos que alimenta o contraste. A irrelevância que resulta da prótase é tomada como argumento menos favorável que, mais tarde, se torna um dos traços codificados na semântica de *se bem que*.

Essas explicações ganham em plausibilidade quando comparadas às pesquisas acerca de *bien que*, do francês e do espanhol, em que se verifica que os desenvolvimentos são bastante similares; e ainda quando consideramos as conexões existentes entre os contextos que sustentam pragmaticamente leituras concessivas e o tipo de significado concessivo resultante. As instruções inerentes às perífrases *bem que* e *se bem que* privilegiam o tipo restritivo, fundado em uma relação hierárquica entre posições argumentativas.

Agradecimentos

Agradeço o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo 308466/2020-9, e o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), processo 2020/02285-6.

Referências

ANSCOMBRE, J. C. Marqueurs et hypermarqueurs de dérivation illocutoire: notions et problèmes. *Cahiers de linguistique française*, Genebra, v. 3, p. 75–124, 1980.

BARBOSA, J. S. *Grammatica philosophica da lingua portugueza*. Lisboa: Typographia da Academia das Sciencias, 1822.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511750526>

CASTRO, I. *A estrada de Cintra*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2017.

COMPANY CAMPANY, C. Sintaxis histórica y tradiciones discursivas. In: LOPEZ SERENA, A. et al. (eds.). *El Español a través del tempo: estudios ofrecidos a Rafael Cano Aguilar*. Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla, 2016. p. 385-413.

CORTES PARAZUELOS, M. E. *La expresión de la concesividad en español*. 1992. 389f. Tese (Doutorado em Filologia Românica - Faculdade de Filologia, Universidade Complutense de Madrid, 1992.

CORTES PARAZUELOS, M. E. Bipolares al servicio de la concesividad: causales, condicionales y adversativas. *VERBA*, Santiago de Compostela, v. 20, p.221-254, 1993.

DETTGES, U.; WALTEREIT, R. Diachronic pathways and pragmatic strategies: different types of pragmatic particles from a diachronic of view. In: HANSEN, M. M.; VISCONTI, J. (eds.). *Current Trends in Diachronic Semantics and Pragmatics*. Bingley: Emerald Group Publishing Limited, 2009. p. 43-61. DOI: https://doi.org/10.1163/9789004253216_002

DUCROT, O. *Le dire et le dit*. Paris: Minuit, 1984.

GAST, V. A corpus-based comparative study of concessive connectives in English, German and Spanish. In: LOUREDA, O. et. al. (eds.). *Empirical Studies of the Construction of Discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2019. p.151-191. DOI: <https://doi.org/10.1075/pbns.305>

HANSEN, M. M. La grammaticalisation de l'interaction, ou, Pour une approche polysémique de l'adverbe 'bien'. *Revue de Sémantique et Pragmatique*, Orleans, v. 4, p. 111-138, 1998.

HARRIS, M. Concessive clauses in English and Romance. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1988. p. 71-99. DOI: <https://doi.org/10.1075/tsl.18>

HEINE, B.; KUTEVA, T. *The genesis of grammar: a reconstruction*. New York: Oxford University Press, 2007.

ILARI, R. Sobre os advérbios focalizadores. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado*, vol. II, 4a ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p.181-198.

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança linguística. In: LOBO, T. et al. (org.). *Para a história do português brasileiro*. Salvador: Editora da UFBA, 2006. p.505-527.

KÖNIG, E. On the history of concessive connectives in English: diachronic and synchronic evidence. *Lingua*, v. 66, p.1-19, 1985a. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0024-3841\(85\)90240-2](https://doi.org/10.1016/S0024-3841(85)90240-2)

KÖNIG, E. Where do concessives comes from? On the development of concessive connectives. In: FISIAK, J. (ed.). *Historical semantics – Historical word-formation*. Berlin: De Gruyter, 1985b. p.263-282. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110850178>

KÖNIG, E. Concessive connectives and concessive sentences: cross-linguistic regularities and pragmatic principles. In: HAWKINS, J. (org.). *Explaining language universals*. New York: Basil Blackwell, 1988. p. 145-166.

KÖNIG, E. *The meaning of focus particles: a comparative perspective*. London/New York: Routledge, 1991.

KORTMANN, B. *Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages*. Berlin/New York: De Gruyter, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110812428>

LATOS, A. Concession on different levels of linguistic connection: typology of negated causal links. *Newcastle Working Papers in Linguistics*, Newcastle, v. 15, p. 32-103, 2009.

LEÃO, A. V. *O período hipotético iniciado por 'se'*. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 1961.

LOPES, A. C. M. A polifuncionalidade de 'bem' no PE contemporâneo. In: SILVA, A. S. et al. (orgs.). *Linguagem, cultura e cognição*. Coimbra: Almedina, 2004. p. 433-457.

MAURI, C.; AUWERA, J. Connectives. In: ALLAN, K.; JASZCZOLT, K. (eds). *The Cambridge Handbook of Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 377-401. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139022453>

MOESCHLER, L.; SPENGLER, N. La concession ou la refutation interdite: approches argumentative et conversationnelle. *Cahiers de linguistique française*, Genebra, v. 4, p. 7-36, 1982.

MONTERO CARTELLE, E. La importancia del modo en la evolución de la expresión concesiva. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE LA LENGUA ESPANOLA, 5, 2000, Valencia. *Actas...* Gredos: Valencia, 2000. p. 795-801.

NARBONA JIMÉNEZ, A. *Las subordinadas adverbiales impropias en español*. Málaga: Librería Ágora, 1990.

NEVES, M. H. *Gramática de usos*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

NEVES, M. H.; BRAGA, M. L. As construções hipotáticas/adverbiais. In: NEVES, M. H. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 123-166.

NEVES, M. H.; CONEGLIAN, A. V. L. O estatuto categorial dos subordinadores adverbiais complexa numa visão cognitive-funcional da linguagem. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 8, p.9-27, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-6esp1337>

PANDER MAAT, H. Two kinds of concessives and their inferential complexities. In: KNOTT, A. et al. (eds.). *Levels of representation in Discourse*. Edinburgh: Human Communication Centre, 1999. p. 45-54.

PÉREZ SALNAYA, M.; SALVADOR, V. Oraciones concesivas. In: COMPANY COMPANY, C. (ed.). *Sintaxis histórica de la lengua española*. México: FCE, 2014. p. 3699-3839.

RIBEIRO, J. *Grammatica portuguesa*. São Paulo: Typographia de Jorge Seckler, 1881.

RIVAROLA, J. L. *Las conjunciones concesivas en español medieval y clásico*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1976.

RODRÍGUEZ SOMOLINOS, A. Certes, voire: l'évolution sémantique de deux marqueurs assertifs de l'ancien français. *Linx*, Paris, v. 32, p.51-76, 1995. DOI: <https://doi.org/10.3406/linx.1995.1374>

ROSSARI, C. How does a concessive value emerge? In: GHEZZI, C.; MOLINELLI, P. (eds.). *Discourse and pragmatic markers from latin to the romance languages*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 237-260. DOI:10.1093/acprof:oso/9780199681600.001.0001

RUDOLPH, E. *Contrast: adversative and concessive expressions on sentence and text level*. Berlin/New York: De Gruyter, 1996.

SQUARTINI, M. Evidentiality in interaction: the concessive use of the Italian Future between grammar and discourse. *Journal of Pragmatics*, v. 44, p. 2116-2128, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2012.09.008>

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511486500>

TRAUGOTT, E. Dialogic contexts as motivations for syntactic change. In: CLOUTIER, R. et al. (eds.). *Variation and change in English grammar and lexicon*. Berlin: De Gruyter, 2010. p. 11-27. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110220339>

TRAUGOTT, E. Pragmatics and language change. In: ALLAN, K.; JASZCZOLT, K. M. (eds.). *The Cambridge Handbook of Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p.549-566.

WALTEREIT, R. On the origins of grammaticalization and other types of language change in discourse strategies. In: DAVIDSE, K. et al. (eds.). *Grammaticalization and Language Change: New reflections*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 2012. p.51-72. DOI: <https://doi.org/10.1075/slcs.130>

Anexo. Amostra Diacrônica

Século XIII

1a.metade: Notícias de Torto (13NT); Cantigas de amigo (13CA); Testamento de D. Afonso II (13TDA); Cantigas de amor (13CAM).

2a.metade: Cantigas de Santa Maria (13CSM), Foro Real de Afonso X (13FRA), Dos Costumes de Santarém (13DCS); Documentos Notariais (13DN), Tempo dos Preitos (13TP), Chancelaria D Afonso III (13CDA).

Século XIV

1a.metade: A arte de Trovar (14AT), Foros de Garvão (14FV), Dos Costumes de Santarém (14DCS), Vidas de Santos (14VS), Narrativas de Linhagem (14NL), Cantigas de amor (14CA), Textos Notariais (14TN), Chancelaria D. Afonso (14CDA), Livro do Mártires (14LMT), Trasladação de S. Nicolau (14TSN).

2a.metade: Crônica Geral de Espanha (14CGE), Livro da Montaria (14LM), Corte Imperial (14CI), Primeira Partida – Alphonse X (14PP), Flos Sanctorum (14FS).

Século XV

1a.metade: Orto do Esposo (15OE), Livro dos Ofícios (15LO), Demanda do Santo Graal (15DSG), Livro da Ensinança de bem cavalgar (15LEC), Leal Conselheiro (15LC), Crônica D. Pedro I (15CDP), Penitencial (15P), Livro do Regimento Évora (15LRE).

2a.metade: Tratado de Confissão (15TC), Carta de Caminha (15CC), Sacramental (15S), Livro das três virtudes (15LTV), Crônica Del-Rei D. Dinis (15CDD), Crônica D. Afonso (15CDA), Castelo Perigoso (15CP), Dia do Juízo (15DZ), História de Vespasiano (15HNV); Livro de naturas (15LN).

Século XVI

1a. metade: Regra de São Bento (16OSB); Documentos Mosteiro de Chelas (16MC); Crônica del-Rei D. Afonso Henriques (16CAH); Ordem de Santiago (16OST); Ordenações da Índia (16OI); Cartas D. João III (16CDJ); Teatro Antonio Chiado (16TC); Livro das constituições e costumes (16LCC); Gramática de João de Barros (16GJB); Diálogo da viçosa vergonha (16DVV); Da Pintura antiga (16DPA).

2a. metade: História da cidade de Évora (16HCE); Arte da guerra do mar (16AGM); Teatro Sá de Miranda (16TSM); Peregrinação (16P); Teatro de Gil Vicente (16TGV); Colóquios dos simples e drogas da Índia (16CSD); Leis e provisões (16LP); Regras gerais das festas (16RGF); Décadas (16D); História da Província de Santa Cruz (16HSC); Regras da Cia de Jesus (16RCJ).

Século XVII

1a. metade: Trattado das festas e vida dos santos (17TFV); A vida de Frei Bartolomeu (17VFB); Arte da língua Brasilica (17ALB); Discursos vários políticos (17DP); Jornada dos Vassalos da Coroa (17JVC); Advertências espirituais (17AE); Da Monarchia Lusitana (17ML); Auto das padeyras (17AP); Gazeta (17G); Chronica delrey Dom Joam (17CRJ); Chronica da Companhia de Jesus (17CCJ); Corte na Aldeia e noites de inverno (17CNA).
2a. metade: Cartas de Padre Vieira (17CPV); Arte de furtrar (17AF); Relaçam diária do sitio (17RDS); Compendio de muitos e variados remédios (17CR); Vida do venerável padre Anchieta (17VVP); Diálogos de varia história (17DVH); O Fidalgo aprendiz (17OFA); Nova Lusitânia (17NL); Maria Rosa Mística (17MRM); Palavra de Deos empenhada (17PDE); Serman da Quaresma (17SQ); Cartas José Brochado (17CJB).

Século XVIII

1a. metade: Por rumos na agulha (18PRA); Cultura e Opulência do Brazil (18COB); Apologia a favor de Padre Vieira (18APP); Auto novo e curioso (18AN); Suplemento ao vocabulário português (18SVP); Carta de aldeamento de índios (18CAI); História da América Portuguesa (18HAP); Folhetos de ambas Lisboas (18FAL); Sucesso da destruição do Porto (18SDP); Desengano dos allucionados (18DA); Theatro cômico portuguez (18TCP).
2a. metade: Reflexões sobre a vaidade (18RSV); Coleção dos principais sermões (18CPS); Diálogo sobre vício no jogo (18DVJ); Málaca conquistada (18MC); Dizertação a respeito da Capitania de São Paulo (18DCS); Cartas Pina Manique (18CPM); Nova Palestra (18NP); Tragédia do Marquez de Montua (18TMM); Cuidados para o aceio da boca (18CAB); Helminologia portuguesa (18HP); Descrição da grandiosa quinta dos senhores de Bella (18DGQ).

Século XIX

1a. metade: Cartas brasileiras (19CB); Ensaio sobre perigos das sepulturas (19EPS); Sangue limpo (19SL); E o preços eram commodos - anúncios de jornais (19AJB); Perigos do ananismo (18PA); Cartas de leitores de jornais (19CL); Compêndio de aritmética (19CA); O cozinheiro imperial (19OCI); O cavalleiro teutônico (19CT); Lições de boa moral (19LBM); Tratado descritivo do Brazil (19TDB).
2a. metade: Instituto dos meninos cegos de Paris (19IMC); História e descrição da febre amarela (19DFA); Zaira Americana (19ZA); Romances e novelas (19RN); Phisiologia das paixões e afecções (19FPA); Luxo e vaidade (19LV); Notícias para história e geografia das nações ultramarinas (19NHG); Feira dos anexins (19FAX); Novellas do Minho (19NM); Do princípio e origem dos índios (19POI); Cartas para Cícero Dantas Martins (19CCM).

Século XX/XXI

1a. metade: Brasil Marcial (20BM); Cartas sem moral (20CSM); Correspondência passiva de Washington Luiz (20CWL); D. João VI no Brasil (20DJ); Revista Arlequin (20RA); Memória Sargento de Milícias (20MSM); A arte culinária da Bahia (20ACB); Livro das Noivas (20LN); Compêndio narrativo peregrino (20CNP); O café na história e no folclore (20OCH); História dos feitos no Brasil (20HFB); Portugal o mediterrâneo e o Atlântico (20PMA).

2a. metade: História das bandeiras paulistas (20HBP); Cangaceiros e fanáticos (20CF); Contos populares e lendas (20CPL); Abre a janela e deixa entrar o ar (20AJ); O cão siamês (20CS); O caso Morel (20OCM); Revista da Faculdade de Direito (20RFD); A vida como ela é (20AVE); Roteiro de filme Memórias Póstumas (20FMP); História geral da civilização brasileira (21HGB); Língua portuguesa falada na cidade de São Paulo (21LPP).
